

Sociabilidade na internet: uma discussão sobre novas interações e novas territorialidades no ciberespaço

A discussion of new interactions and new territorialities in cyberspace

Rosa Lucia Lima da Silva Correia¹
Professora/UFAL

Resumo

A sociabilidade na internet possibilita não apenas a partilha da vida, mas o debate infundável de vários temas ao mesmo tempo, livre do controle ideológico, das coerções sociais, das desigualdades de saber, já que todos podem comunicar. O homem, desde então, pôde se expor e assistir a exposição do outro, entrar em contato com diversas realidades e ver revelar diante de si estantes infinitas de interesses, saberes e especialidades. O mundo passou a ser, nesta perspectiva, uma grande biblioteca, assim como cada indivíduo passou a se comportar tanto como um grande leitor como a se achar um grande livro. Dessa forma, o homem pós-moderno é agora definido pelo movimento, pela circulação, que o faz produzir, falar, opinar, se apresentar, se reinventar a todo o momento. Ele quer e participa de várias mídias, redes, comunidades, a partir da demonstração de suas preferências e ideias, a fim de se tornar mais aceito, ter maior influência e com isso aumentar seu poder e campo de ação social. Esse fato engendra um novo tipo de territorialidade inspirada em sociações que exigem que os indivíduos sejam, sobretudo, emissores, que estejam aptos a discutirem e emitirem todo e qualquer tipo de discurso, posto que o que vale não é a sua especialidade ou o que se tem a dizer, mas a liberdade e a existência de um espaço e de um público receptivo. Essas novas interações, suas razões e seus corolários, e essa nova territorialidade são o objetivo da discussão que aqui se propõe.

Palavras-chave

Sociabilidade na internet. Territorialidade eletrônico-informacional. Mobilidade.

Abstract

Sociability on the Internet makes possible not only the sharing of life, but the endless debate of various themes at the same time, free of ideological control, social coercion, inequalities of knowledge, since all can communicate. The man has since been able to expose himself and attend the exposition of the other, to come into contact with different realities and to reveal before him infinite shelves of interests, knowledge and specialties. In this perspective the world has become a great library, just as each individual has come to behave as both a great reader and a great book. In this way, postmodern man is now defined by movement, by circulation, which makes him produce, speak, express, present,

¹ Professora do Curso de Relações Públicas da UFAL. Doutora em Sociologia e Antropologia pela UFPA. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cidadania/UFAL. Atua nas áreas de Território, Campesinato, Patrimônio e Meio Ambiente.

reinvent himself at all times. He wants and participates in various media, networks, communities, from the demonstration of his preferences and ideas, in order to become more accepted, have greater influence and thereby increase his power and social field of action. This fact engenders a new type of territoriality inspired by associations that require individuals to be emitters, what matters is being able to speak, have a space for expression and have an audience. These new interactions, their reasons and their corollaries, and this new territoriality are the objective of the discussion that is here proposed.

Keywords

Sociability on the internet. Electronic-informational territoriality. Mobility.

1. Introdução

As redes sociais são um meio de comunicação vetor de vínculos e recombinações de interações com infinitas possibilidades. A rede surge da interação entre pessoas e grupos e das relações que daí se formam; ela é, na verdade, o conteúdo do espaço onde essa socição acontece. Ou seja, o Facebook, o Twiter, o Whatsapp entre outras denominações que se dão para as redes sociais não passam de locais de sociabilidade² constituídos em territórios eletrônicos, virtuais³. Sendo assim, não passam, portanto, de uma mídia, um veículo de manifestação (meio de comunicação) da interação que surge a partir de determinado conjunto de pessoas e das afinidades e interesses que detêm.

Quando se trata da interação entre pessoas trata-se do sistema de informações mais complexo que já existiu: a humanidade e suas diversas individualidades, histórias, personalidades, egos, superegos, consciências. É bem diferente de um sistema de comunicação de dados que considera a interligação de computadores, e outros dispositivos, com a finalidade de trocar informações e partilhar recursos e que se constitui a partir de instruções direcionadas a uma máquina, “a partir dos *inputs* dados pelos usuários dos programas” (COSTA; SOUZA, 2016, p.3).

² Sociabilidade é a capacidade dos atores sociais de conviverem. Ela resulta das combinações e das interações que são propiciadas conforme os desejos e necessidades dos sujeitos ou grupos. Para Georg Simmel (2006), a sociabilidade seria a “forma lúdica da socição”, forma que hoje é bem caracterizada nas trocas ocorridas no espaço virtual. A socição é, para o mesmo autor, a forma como os indivíduos se relacionam conforme seus interesses.

³ Pierre Lévy (2005) afirma que o virtual nada mais é do que a atualização ou uma outra representação do real.

Os *inputs*, comandos que acionam “códigos, leituras e interpretações pré-programadas para que a ação correspondente aconteça”, são resultados das decisões sobre a interação, sobre as vontades e necessidades de construir uma rede e é a partir delas é que “o espaço constituído com base em uma comunicação, em linguagens e diálogos homem-máquina, máquina-máquina” se realizam (COSTA; SOUZA, 2006, p.3).

Assim, depreende-se que antes de qualquer discussão sobre os fenômenos sociais relacionados às mudanças na sociedade estabelecidas pelas tecnologias da comunicação e da informação, é preciso um exame sobre as interações humanas e a organização da sociedade. Somente esse exame demonstra que as redes sociais e as tecnologias da informação e da comunicação e todos os seus corolários só existem porque há interação entre as pessoas e há nessa interação necessidades e interesses de que precisam ser realizados. E é esse o objetivo desta discussão: demonstrar a interação como causa primária dos territórios eletrônicos-informacionais e apresentar o ambiente virtual como catalisador das interações e uma nova forma de sociação. Para tanto, um levantamento bibliográfico sobre o tema de redes sociais, sociabilidades e ciberespaço ou território eletrônico-informacional, além de observações das relações em redes, foi necessário para constituir este debate.

2. Redes e interações sociais

As redes sociais, através das interações, dão forma e organicidade à sociedade. Elas ordenam o emaranhado de indivíduos em contínuas e simultâneas agregações, separações, em movimentos de coletivização e individuação, como se pode depreender das afirmações do sociólogo alemão Georg Simmel (1909) sobre a interdependência destes termos quando trata sobre sociação.

Essa dinâmica social é explicada pelo desejo de ligar-se ao outro, de superar as distâncias que evitam, separam, desagregam e que impedem a vida em sociedade. A metáfora que representa esse desejo, afirma Simmel (1909), é a ponte. As distâncias (materiais e imateriais) que separam também mantêm, concomitantemente, a interioridade, a individualidade. Elas representam um corte e uma negação do contato, que fecha o indivíduo em si mesmo, evitando a sociação. A metáfora que representa esse

corte é a porta. No entanto, ao mesmo tempo em que a porta corta e evita a ligação ela também compõe e modela o indivíduo. Se assim, porta e ponte são polos do mesmo sistema, estão imiscuídas e dão sentido à vida social, posto que agregação e isolamento/desagregação constituem a sociação, base de qualquer rede social.

A esse respeito Michel Maffesoli (1998, p. 207), inspirado em Simmel, explica que ainda que as pessoas se comuniquem, interajam por um mecanismo de proximidade, através de “cruzamentos e entrecruzamentos múltiplos”, há aí um componente limitante, onde mesmo múltiplo, fazendo diversas adesões sociais, participando de variadas redes e experiências, o indivíduo continua único. Porém, sua individualidade, composta de uma pluralidade intrínseca, se ordena em “diferentes máscaras” que se ajustam a outras “máscaras” que estão ao seu redor – essa, afirma o autor, é a morfologia da rede social.

John Barnes (1987) criou o termo rede social em 1953 com o intuito de explicar como noções de igualdade de classes eram utilizadas e de que forma indivíduos usavam laços pessoais de parentesco e amizade numa comunidade da Noruega. Ele percebe a pluralidade de relações como um sistema no qual todos os membros da sociedade ou parte dela estão imersos. Como membro de uma rede, o indivíduo é percebido como uma pluralidade, pois pode estabelecer muitas relações, mas também como uma individualidade, posto que só se liga a uma rede de acordo com determinada(s) característica(s) individual (ais).

A partir dessa consideração Raquel Recuero (2009) sintetiza uma rede social como um sistema composto por dois elementos imbricados: os atores (pessoas, instituições, grupos, elementos que formam os nós das redes) e suas conexões (interações ou laços sociais). Estrutura semelhante tem as formas diversas, chamadas rizomas, que se ramificam em todos os sentidos, “desde sua extensão superficial até suas concreções em bulbos e tubérculos”, onde qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro, de forma que podem ser lidas em qualquer posição e se por em relação com quaisquer outros bulbos e tubérculos de outros rizomas (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p.15-33).

Através da ideia de rizoma proposta por Deleuze e Gattari é possível deduzir que as redes são dinâmicas; elas incluem em si mesmas um movimento que é simultaneamente local e global, inscrevendo-se num campo de forças de globalização e de localização, de choques e tensões entre um sistema macro e micro. A esse respeito Milton Santos (1996,

p. 222), considera que as redes se integram e se desintegram, desagregando e (re)agregando nós e elementos, num processo contínuo de criação e destruição de espacialidades.

O conceito de redes parece, então, resultado da relação entre pares antitéticos, porém complementares: indivíduo/sociedade; ator/estrutura; subjetividade/objetividade entre outros. Essa relação, afirma Regina Maria Marteleto (2001), permite que os efeitos das redes possam ser percebidos de dentro para fora como de fora para dentro, extrapolando o espaço onde se estabeleceu. Esse espaço é ao mesmo tempo suporte e meio de comunicação entre os nós/nodos da rede.

Assim, em um exame minucioso de uma rede, a unidade de análise não são os nós/nodos em si e seus atributos, mas o conjunto de elos que estabelecem através das suas interações. A estrutura estabelecida “é apreendida concretamente como uma rede de relações e de limitações que pesa sobre as escolhas, as orientações, os comportamentos, as opiniões dos indivíduos” (COSTA; SOUZA, 2006, p.6).

Ainda que a rede social seja uma estrutura sem fronteiras, é um sistema físico⁴, embora não-geográfico; é, acima de tudo, capaz de grandes controles em nível micro/individual. Para participar ou ter acesso a uma rede social há que se escolher, criar ou inventar uma ou duas características de si (máscaras ou personas), a fim de constituir uma imagem a ser comunicada e socialmente aceita, para poder, assim, ser conectado àquele espaço ou relações. A identidade humana é, então, reduzida em várias outras identidades, que ao contrário de ser unanimemente plural, é também compartimentalizada de acordo com os interesses/regras de cada rede.

É nessa perspectiva que Manuel Castells (1999, p. 498) considera que é possível participar de uma rede social, interconectando-se e expandindo-se “de forma ilimitada, integrando novos nós”, desde que seja capaz de compartilhar “os mesmos códigos de comunicação”. Exatamente por isso nas interações mantidas nessa estrutura há uma tendência dos indivíduos em (re)agruparem-se em torno das suas identidades primárias (raça, sexo, religião) (CASTELLS, 1999, p.23). Justamente por isso, paradoxal e

⁴ Porque depende de uma infraestrutura concreta de suporte das redes telemáticas, ancorada num lugar (rua, bairro, cidade, país) (CASTELLS, 1999).

simultaneamente, na medida em que se aumenta o nível de comunicação também se aumenta os casos de isolamento e alienação. Ao mesmo tempo em que se une pela identificação, se divide por ideologias, etnias, religião, pelas suas identidades agregadoras (CRAVÉE, 2012).

Cada imagem, identidade, máscara ou persona assumida numa rede estão de acordo com os programas específicos de um grupo ou relações. Por isso o indivíduo consegue em rede, simultaneamente, comunicar e não comunicar: comunica-se em parte, não-comunica seu todo. A esse respeito Simmel (2006) já explicava que o indivíduo não consegue revelar sua totalidade em nenhuma interação social, posto que cada forma social (modo de interação) exige-lhe uma performance, uma determinada identidade (máscara ou persona).

3. Sociação, pertencimento e identidades

A sociação existe quando os indivíduos adotam formas de cooperação e de colaboração, que são conhecidas como interação. A sociação é, assim, a interação realizada de diversas formas, é uma relação, uma unidade para realizar os interesses dos seus integrantes. As formas sociais correspondem às maneiras que as relações sociais entre os indivíduos se organizam. Pode-se depreender daí que as redes sociais são uma forma social. São nelas que os grupos de homens se unem para viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então uns com os outros, sendo a interação o elemento atômico, essenciais, sem os quais não existiria nem rede nem sociedade (SIMMEL, 1977).

Quando os indivíduos rompem a esfera da individualidade, utilizam-se das formas sociais para se relacionarem. Esse é o momento em que se colocam em cooperação, colaboração ou conflito com os outros indivíduos, todas relações de reciprocidade. As relações recíprocas acontecem exatamente quando os indivíduos influenciam e são influenciados pelas ações de outros indivíduos. Isso possibilita a convivência de uns com os outros e de uns contra os outros e realiza a interação por excelência. São essas ações de uns sobre os outros que atribuem à sociedade a característica que a define, que é a de ser algo bem maior que um agregado de indivíduos, mas um espaço que possibilita diversas maneiras de interação social entre seus membros.

A matéria das sociações está nos conteúdos, ou seja, no interesse, fim, necessidade, emoção, tudo enfim capaz de originar ação sobre os outros ou a recepção de suas influências, e são propriedades individuais. Esses conteúdos em si mesmos não são sociais. É somente quando superam o isolamento dos indivíduos e adotam formas sociais que se tornam sociais. A forma social, então, está sempre imbricada aos conteúdos, ou seja, a forma não existe sem o conteúdo e o conteúdo que não foi posto em forma social não existe como evento social.

Nessa perspectiva, as redes são as formas e os seus objetivos de constituição, os códigos de comunicação que lhe são intrínsecos, são os conteúdos – e o Facebook, Twiter, LinkedIn, Whatsaap são, por consequência, os territórios (eletrônicos) onde essa sociação acontece, os locais de convivência, de sociabilidade. Os conteúdos que movem os indivíduos podem ser tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, impulsionados ou induzidos. E é isso que diz o tipo de rede que se constituiu.

Quanto mais possibilidades de interação existirem nos territórios eletrônicos, mais profundo será o processo complexificador interacionista, e como tal abrangerá muito mais conteúdos. A internet oferece um espaço de interação que Pierre Levy (2005) considera desterritorializado - o ciberespaço -, produzindo nessa geração tecnológica a característica de não pertencimento geográfico. O ciberespaço é co-presente a qualquer outro espaço (físico), porém ele acontece numa velocidade sem precedentes.

O contexto comunicativo existente no ciberespaço produz a sociabilidade na qual cada indivíduo interage simultaneamente, como se tivessem a mesma realidade físico-geográfica. Nessa nova sociabilidade é possível partilhar a vida e debater infundáveis temas ao mesmo tempo, livre do controle ideológico, livre das coerções sociais. A divulgação das ideias, promovida pela tecnologia da informação e da comunicação, trouxe, além da disseminação do conhecimento, uma exposição do cotidiano dos indivíduos. O homem pode então se expor e assistir a exposição do outro, entrar em contato com diversas realidades e ver revelar diante de si estantes infinitas de interesse. O mundo passou a ser, assim, uma grande biblioteca.

Os territórios eletrônicos-informacionais são “habitados” por indivíduos que se agrupam conforme seus interesses pela identificação com determinadas ideias e princípios, desenvolvendo um relacionamento cordial ou amigável, onde influenciam e são influenciados, semelhantes ao comportamento de comunidades pequenas, como

aldeias. No entanto, os grupos virtuais possuem múltiplas identidades e se desconstituem e reconstituem também por interesses outros numa velocidade não comparável ao mundo real, físico. A efemeridade e o descompromisso são próprios desses espaços e, paradoxalmente, tornam, aparentemente, as relações superficiais.

A multiplicidade dos grupos e de suas identidades tem suporte na multiplicidade de identidades dos indivíduos, ou melhor, na sua identidade passível de ser decomposta em várias. Além disso, a celeridade com que as mudanças ocorrem no mundo virtual se refletem diretamente nas relações, tornando-as fugazes. Segundo Stuart Hall (2006) essa flexibilidade é necessária em um ambiente social e tecnológico fundamentalmente dinâmico como esse. O sujeito dessa sociedade (da informação, como nomeou Castells) não dispõe de uma identidade permanente, mas de identidades conforme o contexto em que se apresente.

Assim como as identidades variam, variam também os discursos, (re)adaptando-se no mesmo grau de capacidade que os indivíduos nas redes, de forma que se diz o que o outro quer ouvir, a fim de se parece ser conveniente, cordial, amigável. Isso tem um reflexo profundo sobre nossas identidades pessoais, sobre a ideia que se tem de si mesmo como indivíduo singular, indivisível. Essa perda do “sentido de si” estável é chamada de deslocamento ou de descentração e provoca uma “crise de identidade” (HALL, 2006, p. 9), como se houvesse uma perda de si ou um encontro com vários “eus”, do qual todos são verdadeiros, todos são válidos, mas nenhum representa total e verdadeiramente o sujeito (como explicou Simmel).

A variação de ambientes, a efemeridade das experiências e a diversidade de identidades tem outra consequência: o anonimato. Através da identidade assumida estabelece-se um vínculo com um indivíduo e ou um grupo, uma espécie de compromisso está aí investido. No intuito de não criar compromissos ou vínculos assume-se uma identidade aparentemente vazia, o anonimato.

Porém, de qualquer forma, ao se conectar em uma rede, com um grupo, isso é se agregar e aí há também interesses ou afinidades compartilhados. Os anônimos são aqueles, na verdade, que pretendem preservar sua identidade (íntegra), não aqueles que não a tem. Ora, quando se conecta a alguém, instituição, ou comunidade virtual ou qualquer outra forma de interação é porque há uma identificação com ele. Os vínculos

fazem parte das necessidades do ser humano para sobreviver, são eles que dão o sentido de pertença, assim como validam o valor pessoal e instituem as emoções e o afeto (CRAVIÉE, 2012).

Assim, um anônimo é alguém com as mesmas necessidades sociais de qualquer outro indivíduo, que assume alguma das várias identidades que possui ou uma das várias máscaras ou persona que inventa - o que ele não quer é decompor a sua individualidade, mas resguardá-la disso. Salvo dessa decomposição, ele pensa estar a salvo do compromisso de cordialidade, de amizade, de uma relação emocional, das ideologias e da coerção social, o que lhe liberta para fazer e dizer o que lhe interessa e não o que se espera que diga ou faça.

Enquanto o homem da modernidade se sentia confortável com uma identidade única, definida pela sua territorialidade, cultura e raça hoje ele tem liberdade de movimento, que o faz produzir, falar, opinar, se apresentar, se reinventar a qualquer e a todo o momento. Ele quer e participa de vários grupos a partir da demonstração de suas preferências e ideias, a fim ser mais aceito, de poder influenciar mais e, assim, cooptar mais grupos.

A oportunidade de experimentar quantas identidades convém, tendo para isso um variado leque de comunidades (redes) no mundo virtual, acaba padronizando estilos e comportamentos, como se todos tivessem a obrigação de serem os mesmos homens, com o mesmo estilo de vida, os mesmos valores. “Há uma ditadura, produzindo nos indivíduos padrões a serem seguidos relativos à identidade (Ser), mas também relativos à posse (Ter)” (CRAVIÉE, 2012, p.5). É justamente disso que os anônimos fogem, mas é também desse espaço propício para ser o que se quer (ou não quer ser), em que é possível extravasar seus sentimentos e opiniões sem desaprovação que ele anseia.

Enfim, revelar-se (único ou múltiplo) ou não se revelar é algo plenamente possível nesse ambiente. Pelo anonimato e pela multiplicidade de identidades no mundo virtual o indivíduo pensa fugir da repressão, se aproximando da liberdade, dos desejos reprimidos pela sociedade, se afastando da coerção latente no mundo real, das restrições e dos recalques propiciados pela sociedade.

A forma como o homem se revela e é percebido será segundo o grupo que pertence. O homem pós-moderno por certo se sente pressionado por isso. Ele tem medo de não pertencer, de não ser aceito. O pertencimento é construído pelo reconhecimento, ou seja, pela e na interação social. Se o pertencimento ou identidade social formata os indivíduos, unifica-os padronizando-os, a identidade individual, a individuação, é aquela que o singulariza.

Isso explica tanto a multiplicidade de identidades, por causa do aumento do nível de aceitação como justifica o anonimato (a salvaguarda da identidade íntegra, individual), bem como demonstra o pensamento de Simmel sobre a interação social ser a unidade básica da sociedade, estando ela baseada no movimento cambiante entre a individuação e a sociação. É, então, na interação que o indivíduo desenvolve a percepção sobre si mesmo e constrói sua identidade. E é nas redes sociais dos ambientes virtuais que o indivíduo permite se testar em inúmeras identidades, inclusive em nenhuma, ou seja, sendo íntegro, para se conhecer melhor e para enriquecer-se com a exploração das experiências identitárias (CRAVIÉE, 2012).

4. Território e controle

Vivenciar múltiplas experiências identitárias não significa que o ambiente virtual está realmente livre de controle e de poder. Ainda que não haja mecanismos de controle de conteúdo eficientes existem mecanismos de interdição para aqueles que dizem o que não pode ser dito, conforme as regras da sociedade e da distribuição do poder.

Os territórios eletrônicos-informacionais, ambientes virtuais, são espaços de poder, tal qual os territórios geográficos. Pierre Levy (2005) confirma esta assertiva quando fala que o elemento virtual é uma atualização do mundo real. Ora, se assim, a sociedade física, concreta está presente lá, as interações nesse ambiente não estão livres das condições da realidade da qual emerge, e menos ainda dos elementos que a constituem; esse espaço é um produto da cultura, do tempo e das interações reais. “O concreto ainda é condição *sine qua nom* da existência e da própria virtualização” (COSTA & SOUZA, 2016, p.8).

A atualização que marca o ambiente virtual, da qual Pierre Levy fala, se trata das imagens que mascaram e até mesmo suprimem a existência de um lugar-origem, que,

podem “ser um lugar-físico (hardware) ou um lugar-linguagem (software)”, estes lugares estão ancorados nas relações sociais e revelam o mito da “liberdade total” e da “anarquia do ciberespaço”(COSTA & SOUZA, 2016, p.8). O ambiente virtual, embora desterritorializante (geográfica e culturalmente falando), nasce da intersecção entre o espaço físico (a máquina e o lugar onde ela se encontra) e o eletrônico. Quem o acessa tem controle sobre ele: seleciona os grupos, as comunidades, os interesses e afinidades, estabelece padrões de acesso e compartilhamento. Cria, portanto, as fronteiras do espaço. Um espaço com controle, acesso e fronteiras, com modos e regras de organização das interações, da produção e da comunicação é um território (SANTOS, 1996).

As relações sociais são relações de poder, de controle, de interdição. A forma como essas características agem nos territórios eletrônicos-informacionais se dá pela via da programação, na padronização dos protocolos de comunicação, leitura dos programas na rede e na criação e uso de senhas. Isso sem falar nas tantas outras formas e possibilidades de vigilância geradas pelas tecnologias da informação e comunicação, que já “configuram padrões de consumo, culturais, de interesses, entre outros” e se apresenta como uma atualização do disciplinamento e da domesticação das interações (COSTA & SOUZA, 2016).⁴

Assim, o ambiente virtual, ainda que não concreto, mas igualmente real, é uma reconfiguração dos territórios já conhecidos, das relações entre as pessoas e da própria estrutura de poder. Nessa atualização territorial a informação é a matéria-prima da organização social, fonte de poder. Nesse território cada indivíduo é um emissor e um receptor simultaneamente, ele se altera de um ponto a outro no processo de comunicação pela produção contínua de informação que se dá através da interatividade. Desta forma, podemos sintetizar que os territórios eletrônicos-informacionais são espaços por excelência de interações e sociabilidades.

As comunidades virtuais e espaços onde as redes sociais se atualizaram surgiram através da interação puramente comunicativa entre seus membros. A sociabilidade virtual não se reduz apenas aos territórios eletrônicos-informacionais, mas também se estendem para o mundo real. Ou seja, eles funcionam como meio de encontro e formação de grupos sociais em território geográfico, a exemplo de pedófilos, hackers e de líderes e

mobilizadores sociais (REINGHOLD, 1997). O que se observa é uma nova forma de estabelecer interações sociais, de reunir pessoas.

No entanto, para todo e qualquer uso desse espaço (criação de territórios, comunidades, virtuais e reais) é necessário conhecimento, controle e acesso à tecnologia e isso não está disponível para todos, não é algo democrático, mas é um sistema tecnocrático, onde a técnica comanda tudo e todos. Quem domina a técnica são os que desenvolvem as máquinas e as tecnologias, que disponibilizam acesso e controle nesses espaços, que estabelecem as fronteiras e dispõem os territórios, intermediando e organizando (padronizando) as interações sociais, tal como os governos tentam fazer no mundo real.

5. Considerações finais

O que se pretendeu de fato mostrar aqui é que o indivíduo naturalmente procura se agregar, agrupando-se a outros por uma necessidade inata enquanto ser humano e na sociedade virtualizada os indivíduos continuam a fazer isso, só que dessa vez o ambiente virtual é o pano de fundo. A interação e o estabelecimento de territórios, comunidades e redes na internet têm os mesmos objetivos da vida real: a busca pelo pertencimento, a constituição de uma identidade e a aceitação, por si mesmo e pelos outros.

Porém, ao mesmo tempo em que se atualizam esses velhos preceitos no mundo virtual, uma diferença também é lançada às comunidades sociais atuais (virtuais) e às comunidades reais: nas primeiras o indivíduo decide quando se conecta ou se desconecta de alguém ou de um grupo não fica desterritorializado por causa disso, não perde ou abala sua identidade por causa da quebra do pertencimento. A celeridade e a efemeridade não permitem pensar ou sentir sobre isso, logo há nova comunidade a que se territorializar.

Nas comunidades reais os vínculos (corpo a corpo) são mais fortes e duradouros, para deixá-las é preciso resolver as questões étnicas, culturais, políticas, históricas vivenciadas e isso dá certo “trabalho”. O pertencimento que geram dá conforto, proteção, segurança, sensações estas raras ou jamais experimentadas em outro lugar. Enquanto nesta a interação se dá pela proximidade física e se mantém pelos laços de afeto, além

dos interesses e afinidades, naquelas se dá pela tecnologia, pela distância, física, embora não por isso seja impossível o encontro face a face e o desenvolvimento de laços afetivos.

O convívio em território eletrônico-informacional, embora primariamente pareça distinto do convívio em um território real, revela através das diversas formas sociais de interação, que na sociação virtual há regras que configuram os que nele interagem. Elas instituem etiquetas, normas sociais, hábitos, costumes e constituem, de fato, uma sociabilidade no sentido pleno do termo.

Referências

BARNES, John.A. Redes Sociais e processos políticos. In: FELDMAN_BIANCO, Bela. **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, 1987.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informática: Economia, Sociedade e Cultura**. Rio de Janeiro, Ed. ITORAPaz e Vida, 1999.

CRAVIÉE, Maria Valdenice. **Ciberespaço e o espaço para a identidade**. Revista Temática, Ano VIII, nº 09, set 2012.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade**. Rio de Janeiro: DP& A, 2006.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo. Editora 34, 7ª impressão, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, , 1998.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação**. Revista Ciências da Informação, vol. 30, nº 01, Brasília jan/abr 2001.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual: una sociedad sin fronteras**. Espanha: Gedisa Editorial, 1996.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.



SIMMEL, Georg. **A ponte e a porta.** Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/28055369/A-Ponte-e-a-Porta-Georg-Simmel>. 1909. Acesso em março de 2016.

_____. **Sociologia 1 - Estudios sobre las formas de socialización.** Madrid: Alianza Editorial. 1977.

_____. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Carlos Henrique M; COSTA, Marco Aurélio B. **Abordagens Antropológicas e Sociais no (não) Lugar.** Revista Espaço Acadêmico, ano VI, nº 62, jul 2006.